o livro de algures

keanu reeves e china miéville

Tradução de Rui Azeredo

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

PARA AS NOSSAS MÃES,
pela vida, pelas histórias contadas… pelo amor

And if the earthly no longer knows your name,
whisper to the silent earth: I'm flowing.
To the flashing water say: I am.
— Rainer Maria Rilke (traduzido por Stephen Mitchell)[1]

[1] E se o mundano já não sabe o teu nome,
sussurra à terra silenciosa: fluo.
À água cintilante diz: Eu sou. (N. de T.)

PRÓLOGO

UMA DIVISÃO, PLENA DE VIOLÊNCIA IMINENTE. DEPOIS, COM AS HORRÍveis luzes brancas de LED. Então, entrou um homem e sentou-se entre os cacifos de metal. Retirou uma máquina da sua mochila e correu os protocolos. Por uns momentos a sós, fitou o ecrã. Os seus camaradas por fim seguiram-no.

O homem prosseguiu com os preparativos. Todos os outros soldados tinham os seus próprios rituais.

Dois riram-se com piadas obscenas. Outros dois numa pacata sincronia verificaram as suas armas. Outro, de tronco nu, brusco, fazia flexões batendo palmas a cada subida junto aos pés dos camaradas. Entrou o líder da operação da noite. Examinou um mapa com tal atenção que foi como se o tivesse encontrado num túmulo. O primeiro soldado continuava a passar diagnósticos no seu ecrã.

Alguém entrou já a postos, musculado com o seu casaco caqui sem insígnias fechado até ao queixo, como se estivesse frio. Ninguém lhe prestou atenção. Mas, ao passar os olhos pela sala, cruzou-os com os do homem com o *scanner* e ambos assentiram com a cabeça.

A porta soou, por uma derradeira vez. Nessa altura, todos ergueram os olhos para quem apareceu na ombreira.

Um homem alto e magro com roupa escura sem marcas, olhando para eles sob uma comprida franja de cabelo preto. Manteve-se imóvel de perfil.

Isolado entre os seus camaradas, o homem com o *scanner* espreitou para um dos que lhe preparavam a arma, enquanto este homem, por sua vez, olhava para o recém-chegado, tal como todos os outros.

O homem de cabelo preto entrou, a quietude terminou e todos retomaram o que faziam. O primeiro homem voltou a erguer o *scanner*, verificando os resultados, e observou toda a sala no seu ecrã perscrutador. Deixou-o pairar por mais um momento sobre aquele para quem tinham olhado, alterando os registos da sua máquina, convertendo os soldados numa paisagem de contornos coloridos.

No canto, o recém-chegado manteve-se de cabeça baixa e sozinho. Alguém se abeirou dele.

O homem do *scanner* franziu o sobrolho. Não foi o vórtice excecional de escuridão no ecrã que o levou a hesitar: já vira o homem de cabelo preto manifestar-se assim muitas vezes. Era a anomalia daquele que se aproximava dele — o soldado mais baixo com o casaco apertado até ao pescoço. Aquele casaco era branco e opaco no ecrã, como não o devem ser as roupas. Brilhava. Estava protegido.

— Ei — disse o utilizador do *scanner* face ao que via no ecrã. — Ulafson? — Observou o soldado do casaco a aproximar-se hesitante do ativo da Unidade.

Estava demasiado longe para ouvir. Passou para um modo de captura de áudio para ler a aproximação da IA do *scanner* ao que discerniu no movimento dos lábios e nas leves franjas de ondas sonoras, mas não obteve uma leitura clara.

O homem alto virou-se para olhar para Ulafson a aproximar-se e sussurrou como se suplicasse. Ulafson estendeu os braços e de repente avançou depressa. O seu alvo fitou-o sem emoção. O que pretendia alcançá-lo continuou a avançar, murmurando algo, parecendo gritar, e todos berraram também, e viram o soldado do casaco fechado sacar de uma pistola do bolso e ele estava a soluçar, já dava para perceber, e apontou a arma, não ao vulto sobre quem cambaleou, mas para a divisão, para todos os que então olhavam.

— Quietos! — gritou.

O homem alto de cabelo preto estendeu a palma e encostou-a ao peito do recém-chegado, bloqueando-lhe a passagem. Não o socou, não o derrubou, simplesmente travou-o. O alvo de rosto entristecido não falou nem se moveu de nenhuma outra forma, simplesmente manteve o homem mais pequeno à distância de um braço enquanto este tentava aproximar-se.

O homem de casaco empurrou e resmoneou enquanto o outro o travava e, com a mão livre, desapertou o fecho do casaco e enfiou a mão num bolso interior, e de lá ouviu-se um clique e viu-se um brilho metálico.

— Arma! — alguém gritou, como se ele não segurasse já uma arma, apontada a eles, àqueles ao lado dos quais matara e quase morrera.

— Ulafson, não! — ouviu-se uma outra voz.

Tiros. Muito alto. Ulafson espasmou enquanto o soldado com a espingarda, para o qual o seu camarada olhara, se protegia, disparando rajadas curtas, horrorizado, atingindo a parte superior do peito e coxas, evitando o que quer que fosse que ele tentava agarrar, e Ulafson gritou sob a chacina e largou a pistola, mas manteve-se de pé, de forma incompreensível, ainda a sacudir-se, perplexo, enquanto as balas o atravessavam e se cravavam no seu alvo, que se mantinha impassível conforme o sangue ia brotando.

Mas ele contorceu-se e a sua arma escorregou. As próprias balas que matavam o homem de casaco impulsionaram-no para lá do braço bloqueador da sua presa, até bem perto, para uma ação final. Com um derradeiro arquejo de triunfo, pressionou um gatilho oculto.

A divisão voltou a encher-se, de fumo, metal, ruído e fogo.

O PRIMEIRO HOMEM QUE ENTRARA NA SALA NÃO FOI O ÚLTIMO A SAIR, tendo permanecido durante a difícil operação sangrenta de limpeza.

Ele estava a uma boa distância da zona de detonação, meio protegido por aqueles cujos restos via a serem recolhidos, reunidos com o respeito que podia ser votado a salpicos. Enunciara os nomes deles mentalmente. Não sabia quantos ainda vivos não despertariam. Quantos, como ele, regressariam ao terreno após uma diligente pausa. Quantos se tinham arrastado, passando por ele, para se limparem dos restos dos seus amigos.

Uma mão no seu ombro. Aquele camarada que disparara primeiro.

— Vens?

— Já te sigo — respondeu.

Na ponta mais distante da divisão encontrava-se o chefe da equipa, o seu mapa esquecido, a expressão calma sob o sangue. Acendeu um cigarro, adicionando o fumo ao fedor a pólvora e ervas.

Sentado no banco, no epicentro da estrela vermelha e preta chamuscada, encontrava-se o homem de cabelo negro que o imolador tentara levar com ele.

Acima dos seus lábios, o rosto mostrava-se sereno e quase limpo, protegido que fora pelo queixo, que era agora uma ruína, pedaços de maxilar a escorrer sangue e pele. Sentou-se com os cotovelos assentes nas coxas. O

observador detetou a coluna através do buraco queimado onde fora o peito do homem. Viu o movimento das entranhas, como peixes perturbados por luz.

Girou ao de leve o seu *scanner*, mantendo a mão baixa, abrangendo os dois. Ainda estava no modo de captação de áudio.

Quando o chefe de equipa falou, as palavras atravessaram o ecrã do *scanner*.

— Tudo OK, meu filho?

O homem sentado não ergueu o olhar. Suspirou sangue e moveu a boca desfeita.

— Cansado / Dieta / [?] — leu o observador.

— Credo, que confusão — surgiram as palavras do outro. — Que raio lhe passou pela cabeça?

O seu interlocutor encolheu os ombros. Levou a mão abaixo da saliência do seu torso e retirou algo de si mesmo. Mostrou.

— ? Hidro / Vidro / ? — indicou a máquina que ele disse.

— Sim — respondeu o outro. — Estava envolvido em garrafas. Os técnicos hão de descobrir o que continham.

— Vinagre Quatro Ladrões — referiu a máquina a resposta dos lábios destruídos. — E água benta. Cal / Sal comum [?] e os pregos são de ferraduras. E dá para cheirar. Sálvia. Ele lançou sálvia a arder.

— Como assim? Como é que sabes?

— Reconheço sal e vinagre num ferimento. O Ulafson encheu / embrulhou? a bomba com amuletos. E, Keever, não é tudo.

O vulto arruinado de cabelo negro entregou um pedaço de papel chamuscado e ensanguentado.

— Isto estava por baixo das minhas costelas.

— Não consigo ler.

— É um nome.

Apontou em redor da sala e prosseguiu.

— A maioria / armaria? desfez-se mas há restos. Nomes. Os nomes dos mortos da Unidade. Os que se aproximaram demasiado.

Os dois homens entreolharam-se por uns momentos.

— Sinto-me tão cansado — disse o homem sentado. O seu coração chamuscado gotejou. — Disto. — Abrangeu a divisão com um gesto. Apontou para si. Por fim, olhou para cima e lançou um súbito gorgolejar.

O homem mais velho disse:

— Estás a rir?

Falou alto o suficiente para o observador não necessitar de ler as palavras.

— É o charuto — disse o outro, enquanto o observador olhava de novo para o ecrã. — Déjà-vu.

A História do Médico

Não disponho de muito tempo. Estas serão das últimas palavras que escreverei. Esta constatação causa-me pesar. Não tanto pelo meu fim: sou suficientemente velho. Mas pelo meu estado deplorável. Até quando uma cadela fiel, uma criatura capaz de amar sem as complicações que maculam os afetos humanos, vira repugnada o focinho, é natural o desalento. Sei que aquilo a que reage a *Lun* é o cheiro do medicamento do meu maxilar, mas é um parco conforto. A sua animadversão gera em mim vergonha, por muito que tente renegá-la, uma sensação de que sou um transgressor, um traidor, para provocar tal tipo de reação nela.

Naturalmente, ainda mais acutilante do que a dor imediata é a minha preocupação pelos meus familiares que não conseguiram — ainda, espero — deixar os seus lares. Não concebo que as trevas que envolvem a Áustria, e provavelmente toda a Europa, sejam obrigadas a recuar com alacridade.

Os locais da minha dor não deixam de estar ligados nos obscuros atalhos da minha mente. A incapacidade da *Lun* de me encarar evocou-me a Dolfi, entre as minhas irmãs, a desviar o seu próprio olhar.

A dor acompanhar-me-á até à minha derradeira partida.

Não sei quem espero que encontre este bilhete. Talvez o deva remeter ao fogo. Mas ao fim de quase vinte anos, finalmente passarei ao papel estas memórias. Sempre tive por hábito escrever para perceber o que sinto. E dou por mim pouco inclinado a deixar esses mistérios por examinar. Gostaria de saber o que penso eu sobre isto.

Com a morte tão perto de mim, e por todo o lado, como poderia eu,

que descobri tanto significado no regresso do que foi enterrado, fazer algo mais que não fosse revisitar esta aparição em particular do meu passado?

As minhas ruminações sobre Thanatos derivam principalmente de testemunhos dos que regressaram da Grande Guerra. Tantos dos seus sonhos foram relembranças diretas dos horrores. Se o subconsciente é acima de tudo movido para evitar desprazer, de onde vêm tais regressos insistentes aos sofrimentos? Os meus encontros com essas misérias espantaram-me. Mas os dados raramente são adequados a mudar as ideias de alguém. O que é preciso é um choque, uma crise em si mesma.

Eu tinha um paciente.

Encontrámo-nos apenas três vezes. Foram sessões longas. Ele era um homem de meia-idade alto, de pele escura e bem constituído. Usava um fato caro, e olhou-me nos olhos e cumprimentou-me com um aperto de mão firme. Achei que fosse soldado. Achei que fosse um daqueles regressados, excelente a disfarçar os pesadelos recorrentes.

Disse-me que queria compreender-se a si próprio.

Lembro-me com precisão do primeiro dia. Lembro-me de me sentar à luz parda da manhã, ao lado dele enquanto se estendia no sofá, com um bloco de notas nas minhas mãos, a escutá-lo enquanto falava com a sua voz branda e ansiosa, contando-me a história da sua vida.

As primeiras palavras dele na sessão — ainda tenho as minhas anotações, embora as vá destruir em breve — sublinharam as minhas suspeitas sobre o que o acossava.

— Eu mato, e mato e volto a matar — revelou. — E a verdade é que gostaria de descansar ou, pelo menos, de fazer outra coisa, algo que não fosse matar, claro, ou no mínimo ter a escolha de o fazer, só que não, as matanças regressam sempre e subjugam-me. E, ocasionalmente, não com frequência, mas muitas vezes ao longo da minha vida, eu morri. E dói. É uma coisa sangrante. E sinto todas as pancadas. Cada corte na carne. Sinto o ardor e a rebentação de cada bomba.

» E depois regresso.

» Regresso, e mato, e mato e volto a matar, e ao fim de algum tempo lá acabo por morrer e lá prossegue todo o carrossel. Por isso, por favor, diga-me, *Herr Doktor* — pediu-me —, que tipo de homem sou eu?

Ora bem, acreditei que ele descrevia um daqueles sonhos mórbidos de que tantas vezes ouvi falar. Achei que me perguntava, como eu me questionava na altura, porque seria a essa carnificina que regressava o subconsciente. Mas aquele homem de que não revelarei o nome ergueu-se e rodou

a cabeça na minha direção, numa violação de protocolo que encorajo, e não consegui desviar o olhar do dele. E ele gerou o primeiro momento daquele choque revelador de duas vertentes que estilhaçou todos os meus paradigmas.

— Eu regresso — voltou a dizer, e no timbre calmo com que lançou aquela alegação medonha percebi que as minhas teorias anteriores eram inadequadas para lidar com horrores tão existenciais e rotineiros.

Ainda achava na altura que o que me revelava era uma verdade quase fabular. Como na verdade, entre outras coisas, até o era.

Mas vi aquele homem a ver-me, a ver o que eu pensava. Abanou a cabeça. E — gentilmente, como se consciente do meu crescente horror, e apesar de eu nada ter dito — ele disse:

— Não, *Herr Doktor*. Não. Ou não apenas isso. Tudo significa algo mais, é verdade, mas por vezes significa apenas o que significa. Por favor, escute-me. Estou aqui para lhe perguntar: Porquê? O que sou eu?

Ele não me deixaria desviar o olhar. E veio então a segunda vertente. Sabia o que ele ia dizer e sabia qual a verdade que aí residia. Percebi na altura que a sua declaração, além de simbólica, era literal. E percebi que, depois daquele dia, eu não voltaria a ser o mesmo homem. Percebi que fora assombrado.

— Mato — disse-me, de forma lenta e implacável. — Morro — disse. — Regresso.

SINAIS DE VIDA

OS EDIFÍCIOS DECRESCEM DE AMBOS OS LADOS DA AVENIDA AMPLA A partir do centro da cidade, como se o céu pressionasse as torres atarracadas e os expositores empoeirados e descorados de bolos baratos e artigos para festas, as salas de mobiliário reaproveitado, os gabinetes de casas de fotocópias e notários caídos em desgraça. Um homem — chamemos-lhe um homem — percorreu o seu caminho. Observou o céu predador. Não abanou a cabeça — nesta época renunciava aos movimentos mais desnecessários —, mas pestanejou muito depressa, e se o tivessem conhecido bem, poderiam ter reconhecido nisso um sinal de que se intrigava com as suas próprias extravagâncias.

Era um homem alto e robusto e se quem passou o tivesse observado, a maioria tê-lo-ia considerado branco. Vestia um casaco de aviador e calças de ganga pretas e o seu cabelo negro esvoaçava em redor da barba e rosto cabisbaixo. Bastante atrás dele: o vidro espelhado de bancos, empresas financeiras e torres de escritórios de aluguer, fachadas de blocos de pedra esbranquiçada numa vulgar imitação de uma Grécia imaginada, obsidiana falsa, hotéis com o nome, em letras básicas, de personagens de fábulas locais pouco amadas pelos dissidentes.

Junto aos parques pequenos, a via estreitava, vigiada por prédios de apartamentos chamados de pedra cinzenta na língua local, pois pouco se assemelhavam aos de pedra castanha de Nova Iorque. O sol apresentava-se fresco e muito brilhante por detrás das nuvens, pelo que os peões que passavam pelo viajante eram anunciados ou seguidos por compridas e vagas sombras. As pessoas sentadas nos degraus de mercearias a discutir e a jogar

dados ignoraram-no. Um padre fumava um cigarro descaído na boca à porta de uma igreja em ferro ondulado. Ele assentiu com um ar cansado, ao que o homem respondeu de igual modo. Dois rapazes que peneiravam restos metálicos às portas de um estaleiro de entulho pararam face à sua aproximação. O homem não olhou para eles e eles sussurraram, os seus comentários abafados pelo queixume de um carro a ser esmagado.

Rapazes, deixem o homem em paz. Esse homem já não mata crianças, quando pode evitá-lo, mas, ainda assim, deixem-no sossegado.

Os rapazes foram espertos, como os cães ferozes que observaram o homem, e nem se aproximaram.

NOS QUILÓMETROS MAIS AFASTADOS DA CIDADE. ARMAZÉNS E PROJETOS habitacionais, lotes vazios usados como parques de estacionamento e ponto de encontro para pequeno comércio. Através de aberturas nas paredes, o homem via os prados secos do país. Parou sob uma pequena figura em LED vermelhos a balançar no semáforo, absurdo num cruzamento entre nada e nada. Ouvindo uma sirene, aguardou na berma. Era uma ambulância, cada vez mais distante, não a polícia.

Quando a figura verde apareceu, o homem atravessou e prosseguiu por uma viela rumo a um pátio com prédios de dois ou três pisos dispersos por todos os lados, cheios de grafítis e delimitados por entulho. Eis um *Dacia* sem rodas coberto de pó rodeado de ervas e, na outra ponta do espaço, junto a uma porta de garagem fechada, os restos de um segundo carro, incendiado.

Observou as janelas com atenção. Avançou sem pressa para a ruína. Chovera imenso na noite anterior à última, mas o fedor a carbono e plástico queimado ainda era forte. Retirou uma chave do bolso, destrancou o cadeado e abriu a porta de metal o suficiente para entrar, fechando-a atrás de si, trancando-a pelo interior.

Uma oficina ocupava o piso térreo. Serras elétricas, prensas hidráulicas, um torno mecânico cercado por manchas secas brilhantes. Uma frincha de luz parda apanhou-o desde o teto alto, onde o vidro sujo fora perfurado por uma bala. O chão era uma *sastrugi* suja de óleo e pó, as manchas um preto descorado que ele sabia ser sangue. Seriam necessários conhecimentos especializados para compreender que essas manchas tinham formas deliberadas, para disfarçar a história que o rasto pudesse revelar. Ele tinha tal conhecimento e atravessou até ao armário alto de

ferramentas na parte mais escura da divisão. Afastou-o da parede, revelando uma porta. Também essa destrancou. Atrás, havia uma escada escondida. Desceu.

Os seus pés pousaram na escuridão e ele acendeu a lanterna. O teto de um túnel formava um arco com uma palma sobre a sua cabeça, lâmpadas desnudas penduradas à altura dos olhos, pelo que teria sido necessário desviar o olhar do brilho caso não estivessem todas apagadas.

O homem avançou, esquivando-se às lâmpadas de vidro. Curvou com o corredor, passou por uma soleira baixa para uma minúscula câmara. Ergueu a lanterna num arco que deixou a brilhar o mosqueado frio da parede. O seu feixe de luz procurou e detetou o caminho tomado pelas balas, buracos cravados no cimento realçados por borrifos escuros de sangue sobre mesas de trabalho, os restos de computadores portáteis, os corpos de três homens tombados uns sobre os outros com uma exatidão estranha, os membros abertos em leque como o de bailarinos em pose.

Sentiu um cheiro cáustico sob a podridão. Com a bota do pé direito virou o cadáver de cima e não se mexeu para ver a confusão derretida onde antes houvera um rosto, dentes e osso do nariz e as arestas de um crânio protuberantes de uma crosta onde a carne formara bolhas. Fitou o olhar vidrado.

— Então — disse. A sua voz era suave. Não falou com o cadáver, mas com a própria divisão. — O que tens a dizer?

A divisão conteve-se. Ele sabia que assim seria. Pousou os dedos sobre os destroços do corpo, mas os segredos que conteria não eram para ele.

De regresso ao túnel. Uma segunda câmara, com prateleiras de armas vazias. Também lhes sussurrou. Uma sala quadrada, muito alta, luz ténue vinda do alto de um buraco tipo ralo, até ao dia lá no cimo, o céu por detrás de uma grelha. Permitiu que os limites da luz incidissem nele como se fosse Bastet no Templo de Luxor.

Cadeiras tombadas, tomadas vazias, monitores nas paredes, ao centro dos quais se via uma única imagem. Não foram deixados quaisquer computadores. Outra câmara, maior. Beliches: lugares para dormirem dez pessoas. Latas em prateleiras. Um frigorífico, um micro-ondas na junção de duas paredes, no canto oposto uma sanita e uma cabeça de chuveiro sobre um ralo. Um ferro em volta da cabeça do duche inclinava para o chão, onde jazia uma cortina de plástico. Uma derradeira porta na parede mais afastada da divisão, de través, arrancada das dobradiças, sobre uma vertente de terra tombada. Escuridão por trás, envolta em entulho.

A sala fora criada como um templo com uma oferta ao centro, um zigurate de mortos a dar pela cabeça. Seis homens, três mulheres. O homem já estava a par dessa quantidade; não dava para perceber por esta arquitetura grosseira, um cone de membros e roupas escuras e os restos de rostos entrançados na orgia desprovida de paixão de uma vala comum sem sepulturas. As sombras dos mortos rastejaram para longe da sua lanterna. Nem sequer a recalcitrância póstuma, cotovelo angular ou joelho protuberante, que ficaram para esta coagulação, suavizaram nos seus contornos pela flacidez e gravidade secundárias as suas arestas embotadas por aquele corrosivo dissimulador de particularidades. No meio havia lodo de carne, cintos e mochilas de armação, salientavam-se pontas de ossos e tocos de armas partidas como uma paisagem cársica.

O homem sentou-se à mesa.

— O que tens a dizer? — questionou. A sala nada disse. — Seria agradável compreender — acrescentou. — No mínimo.

Pousou a lanterna de forma a iluminar os mortos. Apoiou-se sobre os cotovelos e uniu as mãos. Quando voltou a falar, quem o ouvisse não teria percebido o que foi dito, mas poderia ter distinguido a mudança de código, um desvio da língua dos vivos para a dos há muito mortos, e poderia ter sido percetível que cada frase proferida era outra pergunta.

HORAS.

Por vezes, desligava a lanterna e deixava-se ficar na companhia da escuridão. Tal como o vazio antes, sob e depois de tudo. Por duas vezes circum-navegou a sala, pisando sangue e invólucros de balas e quejandos. Pôs-se à porta daquele túnel obstruído e ponderou um pouco. Observou cada espaço de dormir, mas não se deitou ou tateou sob as almofadas em busca de diários ou cartas de amor. Sabia que tal busca já fora efetuada. Aguardou e o que quer que tenha desejado não se materializou.

O homem percebeu que era noite quando ouviu passos a vir do corredor.

Não se virou. Assentou a lanterna sobre a base, levando o teto baixo a brilhar, e ele ficou parcamente iluminado. Os passos vinham diretamente de trás dele e pararam.

Soou uma voz desde a soleira.

— Olá, B.

— Olá, Keever — disse o homem.

O recém-chegado parou atrás dele. Um homem maciço e musculado, com roupa discreta. Tinha o cabelo cortado rente e um rosto escuro bem vincado.

— Outra vez a comungar? — questionou Keever.

— Verbo teu — frisou o homem —, não meu.

— E qual é o teu?

B abanou a cabeça.

— Não tenho um verbo — esclareceu. — Posso dar-te um nome. Não é inglês. *Toska*.

— Tristeza? — disse Keever. — Sentes-te triste? É tudo por causa disso?

— Desconhecia que sabias russo — comentou B. — Seja como for, eu disse *toska*: «tristeza» não resume bem.

Keever sentou-se. O seu olhar incidiu na porta partida, nas ruínas empilhadas e na terra por trás. A seguir olhou para a pilha de mortos.

— Queres falar sobre isso, filho? — questionou Keever. — Não é novidade para mim que tens andado em baixo. E não me digas o contrário. Desde Ulafson.

B não ergueu o olhar.

— Olha — disse Keever. Apontou para a bainha esfarrapada de uma camisola de capuz entre o montículo. Um tipo de cor de laranja improvável, uma vestimenta comemorativa de alguma banda *pop*. — Lembro-me daquilo. Aquele merdas criticou-me. Era o superior dele, não era?

— «Em baixo» — disse B. — Hum. Não me sinto propriamente triste. Penso que será mais… curioso. Eu só… — Abanou a cabeça. — Tento só ouvir o que possa lá haver para eu ouvir.

— Nem sequer tens a certeza se há uma mensagem? — questionou Keever.

— Não. Como é que me encontraste, Keever?

— B. Vá lá. Esta é o quê… a terceira vez? Não és tão misterioso como pensas.

— Eu nunca disse que era misterioso.

Keever espreitou de novo para aquela camisola descolorida. B observou-o e percebeu que ele estava a recordar o estouro de balas na carne, uma rajada, uma pancada com a cabeça, a de B.

— Então, aqui estás — comentou B.

Keever olhou para ele. Para a testa de B, que praticamente explodira o crânio do alvo.

B e Keever estavam bastante habituados ao silêncio.

Keever manteve-se iluminado pelo prateado frio da lanterna. B interiorizou as configurações da morte com a precisão de um académico.

— O que te diz? — acabou por dizer Keever.

B olhou fixamente para a escuridão para lá da derradeira entrada, ali debaixo de terra.

— É uma boa pergunta — disse. — Está perto, Keever. Mas ainda não está lá. — Apontou para o escuro. — Não que saiba lê-lo. Se o que deixamos ficar é um texto, quando fazemos o que fazemos, não é em nenhuma língua que saiba ler.

— E tu sabes lê-las a todas.

— Nem sequer sinto algo em especial — disse B. — Mas sinto que devia fazê-lo.

— Não podes continuar a fazer isto, filho — frisou Keever. — Já sabes o resultado. Assim que fazemos uma limpeza, autorizada ou não, sai dos limites. Entrar, sair, sem rasto. Sem identidade, sem bandeirolas de sinalização, bases de dados apagadas, sem impressões digitais, pulverizar a enzima por todo o lado, nada de rostos… — Apontou para a pilha de cadáveres. — Eles ou nós. Ora bem, e se alguém vê um tipo como tu por aí às voltas? Não podemos arriscar-nos a sermos vistos.

— Ou como tu — realçou B. — Estás aqui, não estás?

— Não me deixaste outra opção. Só aqui vim para te apontar o dedo.

B moveu-se e saiu do círculo de luz.

— Keever — disse —, qual é a percentagem na Unidade a dar-me ordens? — Não soou zangado. — Sabem que não lhes obedeço a não ser que queira. E nesse caso não estou a obedecer, e não são ordens. Eles sabem… tu sabes… não quero saber do que eles querem saber. Isto é um casamento de conveniência e tudo bem. Só que não percebo porque é que, tendo tudo em conta, fazem esta charada. Dar «ordens». Porque é que fazem isso? Repreender-me.

Keever encolheu os ombros.

— Sei lá eu — reconheceu.

— Eles preferem ter regras que não me interessam — disse B — e que eu vejo, do que não terem de todo. Pelo que vejo, a insubordinação é um mal menor do que a independência.

— Como eu digo — disse Keever. — Sei lá. Eles dizem: «Diz a B para não voltar a fazer isso.» E, ao contrário de ti, eu faço o que me é dito. Por isso, aqui estou. Ordens obedecidas.

— E agora? — questionou B.

Keever franziu os lábios.

— Não sei — respondeu. — Achei que pudesses apreciar um pouco de companhia.

B também franziu os lábios.

— Não sei se posso — disse. — Apreciá-la.

— Bem — disse Keever. — Como digo, aqui estou, a apontar-te o dedo. — Assim fez. — Vou reportar que o Sujeito Unute uma vez mais declinou respeitar o protocolo.

— Faz isso.

— Fica bem — disse Keever. Levantou-se e deu uma palmadinha no ombro de B. Este pouca atenção lhe prestou. Ouviu apenas quando Keever se afastou. Sozinho, B assentou a mão sobre a lâmpada da lanterna e a divisão ficou às escuras e a sua mão brilhou.

Virou-se ao voltar a ouvir passos, poucos minutos depois, desta vez muito mais velozes do que antes. Estava voltado para a entrada quando Keever tornou a entrar.

— Mensagem — anunciou Keever. — Recebi-a ao chegar lá acima.

— O que é? — quis saber B.

Keever apontou para a última porta trancada. A escuridão e o entulho.

— A base está a receber… — Franziu o sobrolho. — Dizem que estão a receber uma leitura. De um dos *scanners* de ETT de Thakka.

— O quê?

— Só pode ser uma falha — frisou Keever. — Tem estado inativo desde… tu sabes. Mas sabem que estou aqui e que tu estás aqui…

— E que probabilidades há? — questionou B.

— …e querem que verifiquemos.

— O que disseram exatamente que estavam a receber?

— Olha, tu sabes que é um sinal básico e muito baralhado mesmo quando funciona…

— O que estão a receber?

Keever pestanejou.

— Sinais de vida.

Por um momento, B susteve o olhar. A seguir, estava já na porta antes sequer de Keever dar por ele a mover-se. Agachado sobre a porta tombada e enfiando as mãos pelo umbral, puxava e empurrava os suportes destroçados do outro lado, e afastava a terra colapsada com pedaços de pedra do túnel bloqueado e enfiava lá os braços, numa paródia inquietante como se de uma cirurgia se tratasse.

— B, vai com calma — disse Keever. — Olha, tu não… Tu estavas

numa zona de guerra quando aconteceu, mas eu digo-te que o vi, não foi só o colapso. Eu vi… — Hesitou. — Eu vi Thakka apagar. Ele e Grayson. Foram-se. E o sinal apagou-se. Foi quando…

Então, foi quando. Foi quando Keever, vendo as perdas, lançou a granada por baixo através das pernas em posição de B, enquanto B, a escorrer, espingarda destroçada numa mão e atirador destroçado na outra, arfante como um touro, permanecera, percebera ele, com a escuridão do túnel e os corpos de Grayson e Thakka para lá dele. A granada de Keever descera, ressaltando na direção do líder da célula na ponta mais afastada daquele estreito túnel de saída. Última oportunidade para o apanhar. Transformar o túnel numa sepultura.

— Eles estavam mortos — disse Keever. — De contrário, eu nunca o teria feito. O que quer que seja esta leitura que a base está a receber, estão ambos mortos. Foi por isso que deitei tudo abaixo.

Ainda assim, B escavou. Ambos sabiam que quem deu ordens a Keever ter-lhe-ia dito para derrubar o túnel sobre colegas vivos caso fosse necessário. De entre o entulho e a confusão, puxou um antigo suporte de madeira e aguentou peso que mais ninguém teria suportado e a poeira do mesmo soprou em redor dele. Deixou assentar.

— B, não é estável.

— Então, põe-te a andar.

Keever hesitou. Então, também ele deitou a mão ao metal e madeira entrelaçados como varetas para lá do umbral. Puxou e atirou para trás de si o que libertou.

— Calma — disse Keever. Mas B enfiou-se ainda mais no emaranhado de material amontoado no túnel e puxou e atirou para trás das costas, para a câmara, mãos-cheias de terra, tijolos e pedaços de tijolos enegrecidos com sangue das suas próprias mãos, o que ignorou. Escavou sem abrir a boca e Keever também o fez, e os minutos passaram e os dois homens não abrandaram apesar de Keever respirar com crescente dificuldade. B escavou um túnel e Keever fez o que lhe foi possível para escorar o caminho aberto por B. Keever parou face a um chocalhar de pedra quando cascalho e varões se abateram sobre ele.

— Caramba, B, alguns de nós podem morrer, sabes?

Keever agachou-se e rastejou às apalpadelas para a poeira e arquejou porque, ao tombar para a frente, aterrando de quatro, estava além do bloqueio, agachado nas sombras e na luz espectral de um bastão luminoso no túnel do outro lado. Onde se encontrava B. Que fez sinal.

Nos limites mais afastados do brilho fosforescente, Keever viu um homem morto encolhido. O alvo, destroçado. O líder deste grupo de inimigos declarados, onde eles o mataram.

O olhar de Keever retornou a este último túnel, incidiu na cratera áspera de entulho e no chamuscado da sua granada, até outro morto, tombado sobre a barriga. Grayson, que fora atingido por uma bala no pescoço. Keever recordou essa visão abrupta no clarão do disparo. Os braços e pernas de Grayson num mergulho eterno para a morte. Sombras e bolor agora sobre a sua pele.

Ali, um terceiro vulto.

Thakka. Tombado contra uma parede do túnel, as pernas desfiguradas e as costas apoiadas no cimento, o rosto contorcido voltado para eles, um buraco num dos lados da cabeça, a boca ensanguentada e bem aberta, os olhos raiados a sangue e a fitarem B e Keever.

Os seus olhos moveram-se. Os lábios a mexer.

Thakka pestanejou. Dois dias antes, Keever vira Thakka morrer. Então, sepultara o corpo do homem com o rebentamento de uma granada. Agora, a boca de Thakka formava palavras.

KEEVER OUVIU-SE A SI PRÓPRIO A PRAGUEJAR.

Estava ao lado de Thakka, agachou-se junto dele, fitando aqueles olhos demasiado arregalados.

— Thakka — disse. — Thakka, Thakka, meu, Thakka. Ouves-me?

B manteve-se atrás dele, a observar, numa pose de quem estava pronto a infligir violência. Keever segurou a cabeça de Thakka, tentando não tocar na gruta na carne do homem. Murmurou algo a Thakka, olhando-o nos olhos, e pousou a mão no pescoço de Thakka, sentindo uma pulsação forte e brusca. A pele de Thakka estava fria, mas era percetível o calor da vida nele, trémulo, hesitante.

— Meu Deus, Thakka.

Os lábios de Thakka não paravam de se mover, mas Keever nada ouviu. Apenas os lábios e os olhos de Thakka se moviam. Tinha a espingarda pousada no colo.

— Olha para mim — disse Keever.

Thakka olhou. Os seus olhos giraram tão depressa que Keever nem percebeu se o homem compreendera. O seu próprio olhar seguiu das pupilas de Thakka para aquele buraco descentrado que alterara o contorno da

sua cabeça, hipnotizando Keever com as profundezas do orifício delimitado a sangue e crânio.

— Ei! — chamou Keever. — B!

B ajoelhou-se, sem olhar para Keever ou Thakka, assentando os dedos na terra, baixando o rosto, centímetros acima do solo, retirando outro bastão luminoso do cinto, quebrando-o e posicionando-o junto aos olhos.

— O que…? — disse Keever, mas Thakka arquejava e já se percebia que não exalava ao acaso, sendo antes palavras. Encostou o ouvido aos seus lábios secos.

— …veio e assim disse — sussurrou Thakka. — A enraizar-se por todo o lado. Todo o lado. Eu tinha um cão, por isso sabia.

— *OK*, Thakka — disse Keever. — *OK*, filho. Senta-te quieto. — Tateou os restos rígidos da farda do homem em busca do *scanner* corporal que enviara o seu sinalzinho lamurioso e impossível através da terra. — B — chamou de novo.

Mas B dirigira-se à zona mais afastada da escuridão, para lá dos restos mortais do principal inimigo, na direção do fim do túnel. Agarrou-se aos tocos de metal na parede, da mesma cor da escuridão de onde se projetavam.

— Por favor, B — disse Keever.

— Que dia é hoje? — questionou Thakka, agora mais alto. Uma voz calma do centro-oeste. — Keever — disse ele. — Está frio, não? Eles não querem saber de ti. Sem desrespeito. Também não querem saber de mim.

B regressou. Agachou-se algo afastado.

— Thakka — disse —, o que é que aconteceu?

— Oh — disse Thakka. Fez um esgar e contorceu-se ao ver B e desviou a cara dele e foi algo horrendo de ver, aquela expressão.

— O que é que aconteceu, Thakka? — insistiu B.

Thakka lambeu os lábios e abanou a cabeça. Susteve o olhar em B, gemeu e sussurrou demasiado baixo para B ouvir. Keever encostou de novo o ouvido à boca de Thakka.

— Tenho um cão — sussurrou Thakka. — O meu cão apareceu. — Um riso silencioso. — Lindo menino. Há sempre dúvidas — segredou. — Mas nada de nome, nem posto, nem número, certo? Preciso de saber.

Os olhos de Thakka ainda incidiam em B e arregalaram-se mais do que seria previsível que fosse possível. O ruído que ele fez poderia ser de um pulmão esmagado ou perfurado, ou poderia ter sido medo.

água

Tens caminhado desde há muito tempo. Tens caminhado desde há nenhum tempo. Algo e o seu oposto podem ser verdade.

Quando disseste a Kaisheen que tinhas uma jornada pela frente, ela ficou triste e zangada e pediu-te que não partisses. O filho dela acabara de nascer e os olhos e boca, assim como o conjunto de expressões, eram ainda imprecisos como barro e Kaisheen referiu que não sabia qual dos seus maridos fora o dador de esperma, mas o bebé respirava e sabias que não podias ser tu. Ela disse que podias ser (não explicaste por que razão estava equivocada) e isso traria responsabilidades, e ela disse que seria errado privá-lo de um pai. Ela disse que não queria estar sem ti. Por mais de uma vez, tentaste a crueldade e sem dúvida que o farás de novo, mas por mais de quatrocentas temporadas tens experimentado o desapego e afastaste-te calmamente do sofrimento dela. Se esse rapaz ainda for vivo, será um velho e quiçá as suas histórias sejam as de um rapaz, daqueles cujos pais os abandonaram. Se ainda for vivo, assim foi ao longo de quase toda a sua vida, com a exceção daqueles teus primeiros dias desta viagem. Certa vez, passaste três vidas sem te mexeres numa cadeira de pedra a meio de uma montanha para ver o que sucedia. Nada aconteceu.

Desta feita vieste com urgência para sul através de paisagens variadas e vívidas, evitando pequenas povoações, percorrendo pântanos densos tão húmidos como se o próprio mundo transpirasse, transpondo rios gelados, a prepararem-se para um dia fluírem, para desaparecerem, deixando para trás as pedras.

Há uns anos alcançaste a costa e soubeste que o lugar chamado Suhal

era do outro lado do mar raso. Procuraste e deste com o povo do estuário. Tinham mandíbulas fortes e ponderavam imenso antes de falarem. Ponderaram imenso antes de concordarem em transportar-te numa das suas canoas, até ao arquipélago.

Declinaram as tuas ofertas para remares, segundo as regras da hospitalidade, por isso foste antes como um vigia esculpido na frente de um grande navio. Em certa ocasião, o segundo mais jovem da tripulação caiu borda fora durante uma tempestade e tu seguiste-o e trouxeste-o de volta na escuridão. Outra vez, quando as ondas se imobilizaram de forma contranatura, o costado de uma grande fera verde veio à superfície à distância de um remo e ergueu uma cabeça mista de serpente e crustáceo, as mandíbulas a bater com a fome, e enquanto a tripulação gritava e implorava por ajuda aos seus mortos e chamava ao animal o nome da divindade oceânica malévola que o consideravam, mantiveste-te no convés que guinava também a gritar, mas de alívio, pois já lá iam dias desde que afrouxaras e libertaras o fogo que crescia sempre dentro de ti, tal como sabias que devias fazer, e deixaste-o sair, e viste por entre uma bruma de azul-branco-azul que se espalhou pelos teus olhos e saltaste da canoa com a tua obsidiana e degolaste o assarapantado leviatão e lutaste (possivelmente) e os dentes dele perfuraram-te (possivelmente) para te dar aquele pequeno ferimento no flanco e vocês os dois deixaram (possivelmente) as ondas rubras e mataste-o (possivelmente) e cortaste-lhe a língua e deixaste o seu corpo afundar para ser comido por criaturas minúsculas e regressaste ao barco com o teu escape de raiva a diminuir ao arrastares-te escorregadio de novo para bordo e a tripulação chamou-te matador de deuses e agradeceu-te e esquivaram-se e o que sentiste por eles foi pena e fingiste que a droga que te juntaram à tua carne na ilha seguinte foi eficaz e fingiste não despertar, escutaste-os excitados e a reunir ferramentas e amuletos e a deslocarem-se em silêncio, como imaginaram, de regresso ao barco e não te moveste enquanto ouvias os remos sobre as ondas ligeiras.

Agora, estás sentado, sozinho, sob o sol brilhante e impiedoso, com eles já fora da vista. Deixaram-te comida e cabaças de água.

Sem companhia, sem barco, retomas a marcha a pé.

Deslizas pelo penhasco e embrulhas na tua roupa tantas pedras quanto possível.

Caminhas carregado. Longe dos últimos vestígios de árvores, da curiosidade de aves brilhantes, para as águas rasas, os teus pés cortados por conchas de amêijoas e envolvidos em resposta pelo calor ténue das algas. Até

à rebentação. Até à profundidade da cintura, do teu peito, dos ombros. Do teu pescoço. Da tua barba, dos teus lábios bem cerrados.

Inspiras fundo antes de desceres a este caminho de coral entre ilhas. A salmoura morna fecha-se sobre a tua cabeça e olhas através da mesma para o sol e o sol olha para ti e contas a ti mesmo histórias da tua vida ao desceres.

Não, não és a coisa mais velha que alguma vez viveu, disso estás certo. Num continente longínquo deve haver uma proliferação de álamos, todos partilhando o mesmo complexo de raízes, nascidos talvez na véspera do teu nascimento. Deve haver quilómetros de prados de algas todas nascidas de um coágulo ancestral, surgido muitas vidas antes de teres aberto os olhos. Mas se há no mundo coisas vivas mais antigas do que tu que possas contar pelos dedos, seria espantoso. E já lá vão perto de mil anos desde que te surpreendeste pela última vez.

A tu mãe disse-te: És uma bênção. Eras uma bênção. Ela disse: Tens um dom.

Disse-te tais coisas quando eras jovem, emboras tenhas desenvolvido demasiado depressa um corpo e rosto de homem. Quando ela te contou, amaste-a, tal como ainda amas, se é possível ainda amares os mortos, mas depois amaste-a com um fervor mudo e incondicional e sem as subtilezas da idade ou as suspeições que o mundo instila e ela foi capaz, sabes agora, de disfarçar as suas próprias preocupações e infelicidades com certa facilidade e recordas-te perfeitamente de ela também te dizer que te amava. Consegues ouvir de novo a cadência do orgulho dela. Foi apenas várias vidas após ela ter morrido que, ao pensares no seu rosto, compreendeste a emoção que rememoraste dela. Que ela sentia orgulho em ti, mas também pena. Admirava-te e preocupava-se com a forma como eras admirado, com o que isso te faria. Se acreditou que foste uma oferenda dos deuses, uma oferenda a ela e ao seu povo, não terá também pensado que foste amaldiçoado? O amor dela por ti: o que fez?

Já desces há tempo suficiente esta inclinação segurando o teu lastro de ardósia que a planície revolta onde o mar se encontra com o céu está tão distante quanto a abóbada de um carvalho acima de uma mulher num caminho na floresta. Observas o sarapintado da luz solar com a ferroada e a névoa da visão submarina.

Primeiro, disse ela, havia Nada. Tudo em repouso. Então, veio Algo,

para agitar o Nada na sua paz. Do Algo saiu uma proliferação de Coisas, ruído e arestas e movimento, escuridão e luz e escurecimento, pedras e estrelas e água e fogo e frio. Destes, saiu lama e lodo. E disto saíram manchas dardejantes. E destas, ao fim de um tempo, vieram as árvores, as aves e nós.

Eis, agora, que surgem: a pressão e a dor no teu peito, o teu sangue a correr, a batida ritmada do teu coração.

Em tempos, passaste sete anos com uma cultura das estepes há muito caída. Submergiste-te nos seus banhos sagrados. A cada dia por mais tempo. Tais técnicas permaneceram contigo, tal como todas as tuas recordações. Ainda és capaz de suster a respiração ao longo de minutos. Não será agradável, mas és capaz.

Retesas os músculos da tua barriga e estendes uma mão para te apoiares no tronco escorregadio e oscilante de uma grande alga e a matéria do teu carreiro redemoinha e ondula, aqui está, e é isto uma enguia a perguntar o que és? Estas manchas no teu olhar são peixes curiosos a questionar-te? Assentes educadamente às visões, e desces para águas mais profundas e densas.

Éramos nómadas, disse-te a tua mãe. Demos com um vale. Instalámo-nos aqui. Não éramos guerreiros. Quatro vezes por ano, surgem cavaleiros, um grupo, os nossos vizinhos, uma coligação provisória de predadores, com as suas armas empunhadas, para levar a nossa comida, as nossas famílias, para serem escravos, esposas e caça.

Passando sob um arco de coral, na tua mente, com bondade suficiente, sussurras: Mãe, tens ideia de quantas histórias começam assim?

Um peixe-pedra observa-te a contar-lhe a memória de que nas épocas a seguir à morte dela, as pessoas esqueceram como cavalgar e os cavalos voltaram a ser selvagens, e depois as pessoas voltaram a aprender, para depois esquecerem de novo.

Fomos colhidos como frutos e sangrámos, disse-te a tua mãe, e quem necessita mais de uma arma do que quem não nasceu para a guerra? Ela disse: Nós necessitávamos de uma ferramenta. Por isso, pedi aos deuses.

O que é que aconteceu?, perguntaste-lhe. O homenzinho dela, sentado junto dela (já demasiado grande para o colo), de olhos arregalados. Como é que lhes pediste?

Preparei uma bebida, esclareceu, para me fazer sonhar. Algumas plantas são trilhos, sabes disso, pequeno Unute, tal como alguma carne é um trilho.

Unute é o teu nome, disse ela. Unute foi o que a bebida disse através de mim naquela noite.

O que fizeste?, perguntaste.

Não estou a contar-te?, disse ela. Limita-te a escutar, Unute. O preparado abriu as portas da tempestade e parti para um lugar azul, onde vive a tempestade, ou a tempestade veio ou encontrámo-nos no limiar, e fodi o relâmpago e no dia seguinte a minha barriga estava grande, e chamámos-te o Rapaz Impaciente. Dois meses depois vieste ao mundo.

Então, o meu pai não é meu pai?, questionaste.

Chiu, pateta, disse ela. O teu pai é teu pai, é o teu pai do dia e o relâmpago azul é o teu pai da noite. Não interrompas uma história, Unute, ou as flores não crescem. O fogo não te assustou e não gritaste de dor ao brincar com paus em brasa. Três luas depois do fogo, mataste um lobo que veio buscar restos, mataste-o com os próprios dentes e as tuas mãozinhas. Uma estação depois disso, brincaste com jovens às lutas com os paus de machados que copiámos dos salteadores e ainda não sei se da tua parte foi um jogo ou um genuíno conflito, apenas que a guerra em ti viu a guerra neles tal como vira o rosnido no lobo, e a tua própria guerra manifestou-se.

Disseste que não foi de propósito e o teu pai deu aos pais do rapaz morto o direito de entoarem cânticos pela dor do sangue derramado e odiaram-te a partir daí pelo seu filho, mas disseram que eras a arma e chamámos ao filho deles morto a pedra de amolar que te afiou.

A água através da qual caminhas não é mais leve. Sabes que para tal tens de ir muito mais longe, sabes que as lanças do sol se estendem até bem fundo no mar, mas é frio e turvo onde te encontras e os animais que te observam contam com a furtividade dos residentes das sombras. E ainda assim o caminho desce e passaram suficientes minutos para te doer a cabeça e a água exercer pressão.

Unute, segue caminho.

E o melhor lanceiro do grupo ensinou-te, assim te disse a tua mãe. E os teus ferimentos sararam em dias o que sararia em meses, pequena arma. E quando os teus olhos começaram a brilhar na cor dos do teu pai, um brilho tão azul como o relâmpago do teu pai da noite, enfiámos-te no fosso com animais grandes que capturámos. Dançaste a tua guerra e despedaçaste os ursos, os tigres-dentes-de-sabre e os monstros dos sopés das colinas e se nesses espasmos de sonho, nas deformações que te subjugaram para que gritasses e te tornasses uma fera, se ocasionalmente despedaçaste os teus professores ou arrancaste membros dos teus companheiros de brincadeiras até sangrarem em choque, ou se abriste os peitos da nossa gente, bem, todos

sabiam que não deviam aproximar-se de Unute, a arma, nos seus arrebatamentos. Toda a gente sabia que devia fugir e esconder-se quando os teus olhos brilhavam com a luz do choque. Não eras mau rapaz, mas uma coisa perigosa, e sempre lamentaste e eles foram descuidados.

Ela disse: E então os salteadores regressaram.

Percorres vagarosamente uma garganta de corais suspensos abobadados e a cada momento o teu peito arde por não respirar. A tua mãe sempre cantou esta parte da história e tu canta-la agora na água, abrindo a boca diante das moreias vigilantes. Ela cantou, tu cantas:

Escutai!
Estes cavaleiros
avisos ocre nos rostos
riram face à inércia oferecida
cavalgaram para onde as montanhas observavam
para onde o relâmpago do pai da noite espalhou semente
para o rapaz-arma.

Unute dos olhos!
Arestas de machado, criança, ponta de lança, em conclave.

Entrou a dançar
entre os cavalos
entre os seus cavaleiros.

Esta é a sua evasão.
Fúria de guerra! Hamask!
Espasmo da perversão!
Delírio! Fúria!

Unute tomou um rumo de sangue
Unute percorreu os ossos
Encheram-no de flechas e não se deteve
Ele era o gume cortante
Ele era o jogo do terror
Ele punha fim às coisas.

Nós amávamos-te, disse a tua mãe. Depois de teres acabado com eles, enfaixámos-te. Eras ainda um bebé. Embrulhámos-te e limpámos os mortos de ti e dissemos-te obrigada e que te amávamos.

Cada passo é dor. Quando te encaminhaste para a rebentação, esperaste que ao declive se seguisse uma inclinação equiparada, que voltasses a ascender após um tempo de caminhada, a tua cabeça, coração e pulmões em tormento, era a tua aposta e havia um rochedo no recife que se aproximou o suficiente da superfície para a tua cabeça subir até ao ar antes de os teus pulmões falharem, para que através de uma sequência de tantas viagens para cima e para baixo abrisses caminho, e se as energias da guerra te surgissem nesta caminhada, a fome invertida, a necessidade de destruição no frio brilho dos teus olhos, que as saciasses com tubarões e torres de coral e seguisses de novo para lá do sangue edificante na tua recuperação tremente e rumo aos continentes do sul. Esse seria o caminho a seguir.

Há muito identificaste em ti, independentemente das provas que reúnes, que o pensamento é insensatez, um sentido de tolerância. Que certas coisas têm de ser, para dar a uma história a forma de vida. Viste tal anseio na maioria das pessoas que conheceste. É por partilhares essa tendência perigosa que hesitas dizer que não és humano.

É errado bem mais do que é certo.

Este caminho só se aprofunda mais, até à parte mais escura do mar. E estás a abrandar e os teus dedos estão demasiado dormentes para retirar as pedras da tua roupa.

A história em ti acelera. Não é agora na voz da tua mãe. É uma que contas a ti próprio, a partir de recordações e investigações, de pistas e conclusões.

Eis-te, num lugar em alargamento, onde — Olha! — o azul escurece e não há nada para lá de uma parede de coral, estás na beira de um penhasco e não há nada para além da água mais escura. Tropeças. E conforme a tua mente se torna cada vez mais turva, a história que contas a ti próprio acelera cada vez mais porque ainda não estás no final da mesma e porque já não te resta muito tempo. Mais depressa, então.

Havia sempre mais tribos a temer, a deter, que tinham de ser detidas antes de começarem, disseram eles, o teu grupo e o teu pai do dia, e a tua mãe também até deixar de o dizer. Incentivaram-te a incrementares a tua fúria de guerra contra os pescadores e residentes das montanhas e construções na neve, cujos pináculos há muito foram reduzidos a pó, mas que era, quando subiste o caminho entre picos, a maior cidade que alguma vez existiu.

Seguiste caminho

cortaste o rei ao meio cortaste os guardas ao meio, percorreste a estrada de ossos deixaste o salão ensanguentado desceste a grande escadaria decepaste todas as pessoas da cidade sentaste-te no alto de uma pirâmide de mortos. Viste

relâmpagos ao longe, desta vez vermelhos, e o teu pai viu e amaldiçoou a tua mãe e tu viste-o no vale e ele tirou-lhe algo e atirou algo para o fosso onde em tempos gritaste à tua mãe quando ela disse que receava por ti e quis que a tua dor terminasse, não percebeste ao que se referia porque não sabias que o que sentias não era apenas estar vivo. Irias perguntar mais à tua mãe, assim decidiste, e seguiste o teu pai do dia, mas num desfiladeiro foste recebido por dez mil flechas e deu-se o *hamask*, transformaste-te na versão de ti de brilho azul com olhos ofuscantes e levaste a cabo as tuas urgentes modificações sangrentas sobre os atacantes e sobre aqueles de entre o teu próprio grupo que não respeitaram as restrições para se manterem ao largo e ouviste o teu pai gritar e percebeste que se tratava de uma armadilha e manobra de distração e regressaste o suficiente a ti para o seguires para ultrapassares os derradeiros cavalos de regresso à tua própria povoação e

deste com o teu pai agachado sobre a tua mãe, ela estava morta, às mãos dos invasores, e sentiste-te como um deserto e disseste-lhe que era o deserto dele e afastaste-te e eles vieram e também o mataram e caminhaste até onde, num ponto de encontro de pedra, esperava um exército de todas as tribos sobre as quais calcorreaste o teu caminho.

Não levantaste as mãos contra eles, quando vieram atrás de ti de armas em punho.

No limite do mar submerso, eis-te, a rastejar como uma pessoa sedenta num deserto, rumo ao escuro para onde olhas como se fosse um olho, e é o fim, não aguentas, as pedras puxam-te para baixo, e a escuridão ergue-se diante de ti desde os desfiladeiros no fundo do mundo, e vem das tuas arestas, e desce agora com mais força do que a luz do sol, escorrendo do lugar escuro para o mar para te amortalhar, e a única palavra para isto é agonia, e deitas-te sem saber se virado para baixo ou para cima, mas sem ver e isto é o fim.

Recordas as lâminas dos inimigos a abaterem-se, há milhares de anos. Não consegues impedir-te de inalar a terrível água do mar.

A dor nos pulmões não cessa. Afogamento sempre foi a pior maneira de morrer.

Morres.

e então vem a pressão

uma pressão e a libertação repentina

de uma concha, entre espesso e enturvado sedimento de carne e sangue, e eis-te, a pensar de novo, despido e cru, o sangue a aferroar a tua nova carne e a deixar-te limpo, e aqui é-te negada a primeira dolorosa e bela respiração com que saudaste o teu nascimento no ar, e sais da caverna do óvulo de onde brotaste, que cresceu da bizarra fertilidade do teu corpo afogado, ali obstruído, encravado sobre a falésia submarina, tal como saíste do teu primeiro ovo naquele lugar de pedra banhado pelo sol onde pela primeira vez foste puxado e cortado, e para fora de todos os ovos desde então, dado que optaste ou foste forçado a ir aos limites até do teu corpo recalcitrante, renasceste nu como no teu primeiro nascimento, pelo que agora não tens para eles nem pedras nem bolsos, e mesmo sem ar dentro de ti sentes-te forte e permites-te erguer-te para saber qual o caminho para cima. É nessa direção que esperneias.

E assomas à superfície e por fim soltas aquele primeiro arquejo.